



**Será que os
Androides
Sonham com
Ovelhas Elétricas?
Philip K. Dick**

Relógio D'Água

Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel.: 218 474 450
fax: 218 470 775
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodagua.pt

Copyright © 1968, Philip K. Dick
Copyright renewed © 1996, Laura Coelho, Christopher Dick and Isolde Hackett
All rights reserved

Título: Será Que os Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?
Título original: *Do Androids Dream of Electric Sheep?* (1968)
Autor: Philip K. Dick
Tradução: Raquel Martins
Revisão de texto: Rute Mota
Capa: Carlos César Vasconcelos (www.cvasconcelos.com)

© Relógio D'Água Editores, julho de 2016

Esta tradução segue o novo Acordo Ortográfico.

Encomende os seus livros em:
www.relogiodagua.pt

ISBN 978-989-641-602-7

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Europress, Lda.
Depósito Legal n.º 411563/16

Philip K. Dick

Será Que os
Androides Sonham
com Ovelhas Elétricas?

Tradução de
Raquel Martins

Fora de Colecção

CAPÍTULO XVI

No enorme e sumptuoso quarto do hotel, Rick Deckard sentou-se a ler as cópias a papel químico datilografadas sobre os dois andróides, Roy e Irmgard Baty. Nestes dois casos tinham sido incluídos instantâneos telescópicos, impressões a três dimensões a cores e indistintas, que mal conseguia perceber. «A mulher», pensou, «parece atraente. Roy Baty, porém, é algo diferente. Algo pior.»

Farmacêutico em Marte, leu. Ou, pelo menos, o andróide utilizara aquele disfarce. Na realidade, ele fora provavelmente um trabalhador manual, mão de obra dos campos, com aspirações a algo melhor. «Os andróides sonham?», perguntou Rick a si mesmo. «Evidentemente; é por isso que, ocasionalmente, matam os seus empregadores e fogem para aqui. Uma vida melhor, sem servidão. Como Luba Luft; cantando *Don Giovanni* e *Le Nozze*, em vez de trabalhar a superfície de um campo árido cheio de pedras. Num mundo colonial fundamentalmente inabitável.»

Roy Baty [informava-o a folha de informações] tem um ar agressivo, assertivo, de autoridade simulada. Dado a preocupações místicas, este andróide propôs a tentativa de fuga do grupo, assinando-a ideologicamente com uma ficção pretensiosa quanto ao aspeto sagrado da chamada «vida» andróide. Além disso, este andróide roubou e fez experiências com várias drogas de fusão de mente, afirmando, quando apanhado, que esperava promover nos andróides

uma experiência de grupo semelhante ao mercerismo, que, salienta, continua fora do alcance dos androides.

O relato tinha uma qualidade patética. Um androide duro e frio que esperava viver uma experiência da qual, devido a um defeito deliberadamente incluído, ele continuava excluído. Mas Rick não podia sentir muita preocupação por Roy Baty; a partir dos apontamentos de Dave, percebeu uma característica repugnante que rodeava este androide particular. Baty tentara forçar a experiência da fusão em si mesmo — e depois, quando isso fracassou, engendrou a morte de vários seres humanos... seguida da fuga para a Terra. E agora, especialmente nesse dia, o abate dos oito androides originais até restarem apenas os três. E eles, os membros que restavam do grupo ilegal, estavam também condenados, pois se ele não os apanhasse, outro o faria. Tempo e maré, pensou. O ciclo da vida. A terminar, o crepúsculo final. Antes do silêncio da morte. Rick percebeu nisto um microuniverso, completo.

A porta do hotel bateu ao abrir-se.

— Que voo — disse, esfalfada, Rachael Rosen, entrando com um casaco comprido de escamas de peixe com calções e corpete a condizer; transportava ao lado da sua mala de estilo correio, grande e ornamentada, um saco de papel. — É um *belo* quarto. — Olhou para o seu relógio de pulso. — Menos de uma hora; fiz um bom tempo. Tome. — Estendeu o saco de papel. — Comprei uma garrafa de *Bourbon*.

— O pior dos oito continua vivo — disse Rick. — O que os organizou. — Estendeu a folha de informações sobre Roy Baty na direção dela; Rachael pousou o saco de papel e pegou nela.

— Localizou este? — perguntou ela depois de ler.

— Tenho o número de um condomínio de apartamentos. Lá fora nos subúrbios, onde possivelmente alguns especiais deteriorados, anormais ou idiotas, continuam a viver a sua versão de vida.

— Deixe-me ver os outros — disse Rachael, estendendo a mão.

— Ambos fêmeas. — Rick entregou-lhe as folhas, uma relativa a Irmgard Baty, a outra a um androide que se denominava Pris Stratton.

Olhando para a folha final, Rachael disse:

— Oh! — Deixou cair as folhas, caminhou na direção da janela do quarto e olhou para fora, para a parte baixa de São Francisco. — Creio que vai ficar abalado pelo último. Talvez não; talvez não se importe. — Empalideceu, e a sua voz tremia. De repente, tornou-se excepcionalmente inquieta.

— Que é que está a murmurar? — Rick retirou-lhe as folhas, estudou-as, procurando saber que parte perturbara Rachael.

— Vamos abrir o *Bourbon*. — Rachael levou o saco de papel para a casa de banho, pegou em dois copos e voltou; continuava a parecer distraída e insegura... e preocupada. Ele sentiu o movimento rápido dos seus pensamentos escondidos: as transições eram visíveis no seu rosto franzido e tenso. — Consegue abrir isto? — perguntou ela. — Vale uma fortuna, compreende. Não é sintético; é de antes da guerra, feito de mistura genuína.

Pegando na garrafa, ele abriu-a, deitou *Bourbon* nos dois copos.

— Diga-me o que é que se passa — disse.

— Ao telefone — disse Rachael —, disse-me que, se eu viesse para aqui esta noite, desistiria dos três andróides que restam. «Faremos outra coisa», disse. Mas aqui estamos nós...

— Diga-me o que é que a preocupa — disse ele.

Enfrentando-o desafiadoramente, Rachael disse:

— Diga-me o que vamos fazer em vez de nos andarmos a preocupar com esses três últimos andróides Nexus-6. — Desabotoou o casaco, levou-o para o armário e pendurou-o. Isto deu a Rick a primeira oportunidade de lhe lançar um longo olhar.

Uma vez mais, reparou que as proporções de Rachael eram estranhas; com a sua pesada massa de cabelo escuro, a sua cabeça parecia grande, e, devido aos seios diminutos, o seu corpo assumia uma posição esguia, quase infantil. Mas os seus grandes olhos, com as pestanas elaboradas, apenas podiam ser os de uma mulher adulta; aí terminava a semelhança com a adolescência. Rachael apoiava-se com leveza na parte da frente dos pés, e os braços, enquanto pendiam, estavam dobrados pela articulação: a posição, refletiu ele, de um caçador cauteloso ou talvez uma persuasão Cro-Magnon. «A raça de caçadores altos», disse a si mesmo. Sem

qualquer excesso de carne, uma barriga lisa, traseiro e peito pequenos, Rachael havia sido modelada segundo o tipo de compleição celta, anacrônica e atraente. Sob os calções, as suas pernas, magras, tinham uma qualidade neutra, não sexual, não muito arredondadas em curvas núbéis. A impressão total era, porém, boa. Embora, definitivamente, a de uma rapariga, não de uma mulher. A não ser pelos olhos inquietos e sagazes.

Rick bebericou o *Bourbon*; o poder dele, o gosto e aroma fortes e autoritários, tinham-se-lhe tornado quase desconhecidos e sentiu dificuldade em engolir. Rachael, em contraste, não teve qualquer dificuldade com o dela.

Sentada na cama, Rachael alisava ausente a colcha; a sua expressão tornara-se agora melancólica. Rick pôs o seu copo na mesa de cabeceira e sentou-se ao lado dela. Sob o seu enorme peso, a cama cedeu, e Rachael mudou de posição.

— Que é? — disse ele. Estendendo a mão, pegou na dela, sentiu-a fria, ossuda e ligeiramente húmida. — Que é que a preocupa?

— Esse maldito último tipo Nexus-6 — disse Rachael, falando com esforço — tem o mesmo tipo que eu. — Baixou os olhos para a colcha, encontrou um fio, que começou a enrolar. — Não reparou na descrição? É a minha também. Ela pode usar o cabelo de maneira diferente e vestir-se de maneira diferente; pode até ter comprado uma cabeleira. Mas, quando a vir, perceberá o que eu quero dizer. — Riu-se sarcasticamente. — Foi uma coisa boa a associação ter admitido que eu sou um androide; de outro modo, era provável que enlouquecesse quando visse Pris Stratton. Ou pensaria que ela era eu.

— Porque é que isso a preocupa tanto?

— Diabos, eu estarei consigo quando a *retirar*.

— Talvez não. Talvez eu não a encontre.

— Conheço a psicologia dos Nexus-6 — disse Rachael. — É por isso que estou aqui; é por isso que o posso ajudar. Estão todos escondidos juntos, os três últimos deles. Reunidos à volta do perturbado, aquele que se autodenomina Roy Baty. Ele estará a organizar a sua defesa decisiva, total e final. — Os seus lábios torceram-se. — Jesus — disse.

— Anime-se — disse ele; pôs o seu queixo pequeno e agudo na palma da sua mão, levantou-lhe a cabeça para que ela tivesse de o enfrentar. «Gostava de saber a que é que sabe beijar um androide», disse Rick a si mesmo. Inclinando-se um pouco para a frente, beijou-lhe os lábios secos. Não se seguiu nenhuma reação; Rachael continuou impassível. Como se não tivesse sido afetada. E, no entanto, ele sentiu de maneira diferente. Ou talvez fosse um pensamento desejoso.

— Gostava — disse Rachael — de ter sabido isso antes de vir. Nunca teria vindo para aqui. Creio que está a pedir demasiado. Sabe que é que eu tenho? Para com este androide Pris?

— Empatia — disse ele.

— Algo como isso. Identificação; aí vou eu. Meu Deus; talvez seja isso o que vai acontecer. Na confusão, retirar-me-á a mim, não a ela. E ela pode regressar a Seattle e viver a minha vida. Nunca me senti assim antes. Nós *somos* máquinas, gravadas como cápsulas de garrafas. É uma ilusão que eu, eu pessoalmente, realmente exista; sou apenas representativa de um tipo. — Estremeceu.

Rick não podia deixar de se sentir divertido; Rachael tornara-se tão inspidamente taciturna!

— As formigas não se sentem assim — disse ele — e são fisicamente idênticas.

— As formigas. Elas não sentem ponto final.

— Gémeos humanos idênticos. Eles não...

— Mas identificam-se um com o outro; percebo que eles têm um elo empático especial. — Levantando-se, pegou na garrafa de *Bourbon*, um pouco insegura; voltou a encher o seu copo e, uma vez mais, bebeu rapidamente. Durante algum tempo caminhou pelo quarto, as sobancelhas fortemente cerradas e depois, como se deslizando casualmente no caminho dele, voltou a instalar-se na cama; levantou as pernas e esticou-se, encostando-se contra a grossa almofada. E suspirou. — Esqueça os três andróides. — A sua voz estava cheia de cansaço. — Estou tão esgotada, da viagem, creio. E por tudo o que soube hoje. Apenas quero dormir. — Fechou os olhos. — Se morrer — murmurou —, talvez nasça outra vez quando a Associação Rosen criar a sua nova unidade do meu subtipo.

— Abriu os olhos e olhou para ele ferozmente. — Sabe — disse ela — por que razão eu vim realmente aqui? Porque Eldon e os outros Rosens... os humanos... queriam que eu estivesse consigo?

— Para observar — disse ele. — Para pormenorizar exatamente o que é que o Nexus-6 faz que o denuncia no teste Voigt-Kampff.

— No teste ou qualquer outra coisa. Tudo o que lhe dá uma qualidade diferente. Em seguida faço um relatório, e a Associação faz modificações dos seus fatores DNS de banho zigoto. E depois, temos o Nexus-7. E, quando esse for apanhado, modificamos outra vez, e a Associação acaba por ter um tipo incapaz de ser distinguido.

— Conhece o teste de arco reflexo Boneli? — perguntou ele.

— Estamos a trabalhar nos gânglios espinais, também. Algum dia, o teste Boneli desaparecerá na mortalha branca do oblívio espiritual do passado. — Sorriu inofensivamente, em desacordo com as suas palavras. Neste ponto, Rick não conseguiu discernir o seu grau de seriedade. Um tópico de importância que abalava o mundo, no entanto, tratado chistosamente; uma característica androide, talvez fosse, pensou ele. Nenhuma consciência emocional, nenhum sentimento do verdadeiro *significado* do que ela disse. Mas apenas definições vazias, formais e intelectuais dos termos separados.

E mais, Rachael começara a provocá-lo. Impercetivelmente, passara da lamentação da sua condição para o insultar sobre a sua.

— Maldita seja — disse ele.

— Estou embriagada — disse Rachael. — Não posso ir consigo. Se sair daqui... — Gesticulou, mandando-o embora. — Vou ficar e vou dormir, e depois pode dizer-me o que aconteceu.

— Exceto — disse ele —, que não haverá depois, porque Roy Baty me vai apanhar.

— Mas, de qualquer modo, não o posso ajudar, porque estou embriagada. E já sabe a verdade. Sou apenas um observador e não vou intervir para o salvar; não me interessa se Roy Baty o apanha ou não. Preocupa-me se *eu* sou apanhada. — Abriu bem os olhos. — Cristo, estou empática sobre mim própria. E, veja, se vou àquele condomínio de apartamentos em ruínas nos subúrbios... — Estendeu a mão, brincou com um botão da camisa dele; com gestos

lentos e fáceis, começaram a desabotoá-la. — Não ousou ir, porque os andróides não têm qualquer lealdade uns para com os outros, e eu sei que essa maldita Pris Stratton me vai destruir e ocupar o meu lugar. Compreende? Tire o casaco.

— Porquê?

— Assim podemos ir para a cama — disse Rachael.

— Comprei uma cabra preta núbia — disse ele. — Tenho de retirar os outros três andróides. Tenho de acabar o meu trabalho e ir para casa, para a minha mulher. — Levantou-se, rodeou a cama, dirigindo-se para a garrafa de *Bourbon*. Ali de pé, serviu cuidadosamente uma segunda bebida para si; as suas mãos, observou, tremiam apenas muito ligeiramente. Provavelmente devido à fadiga. «Ambos», compreendeu Rick, «estamos cansados. Demasiado cansados para caçar três andróides, com o pior dos oito a dar as ordens.»

Ali de pé, compreendeu repentinamente que adquirira um manifesto e incontestável medo do andróide principal. Tudo depende de Baty — dependera dele desde o princípio. Até agora tinha encontrado e retirado manifestações progressivamente mais agoirentas de Baty. Agora chegara o próprio Baty. Pensando isso, sentiu o medo crescer; ele enredava-o completamente, agora que o deixara aproximar da sua mente consciente.

— Não posso ir sem si — disse a Rachael. — Nem consigo sair daqui. Polokov veio atrás de mim. Garland veio praticamente atrás de mim.

— Pensa que Roy Baty o procurará? — Pousando o seu copo vazio, ela curvou-se para a frente, estendeu os braços para trás e desapertou o seu corpete. Com agilidade, tirou-o, e depois ficou oscilando e sorrindo porque oscilava. — Na minha mala — disse ela — tenho um mecanismo que a nossa autofábrica em Marte constrói como uma... — Fez uma careta. — Uma bugiganga de segurança de emergência para quando estão a passar um andróide recentemente feito através das suas inspeções de rotina. Tire-o. Parece uma ostra. Vê-lo-á.

Rick começou a procurar na mala. Como uma mulher humana, Rachael tinha todos os géneros de objetos concebíveis roubados e

escondidos na sua mala; ele viu-se obrigado a procurar interminavelmente.

Entretanto, Rachael tirara as botas e desabotoara os calções; balouçando com um pé, apanhou o tecido despido com o dedo do pé e atirou-o pelo quarto. Depois, deixou-se cair sobre a cama, rolou sobre si própria para procurar o seu copo, que acidentalmente empurrou para o chão atapetado.

— Bolas — disse, e uma vez mais pôs-se de pé, vacilante, com as suas calcinhas interiores, observava-o a mexer na sua mala, e depois, com deliberação e atenção cuidadosas, puxou a colcha para trás, meteu-se na cama e tapou-se.

— É isto? — Rick segurava uma esfera metálica com um botão com uma haste saliente.

— Isso cancela um androide em catalepsia — disse Rachael, com os olhos fechados. — Durante alguns segundos. Suspende-lhe a respiração; a sua também, mas os humanos podem funcionar sem respirar... transpirar?, durante alguns minutos, mas o nervo vago de um androide...

— Eu sei. — Endireitou-se. — O sistema nervoso autonómico de um androide não é tão flexível a ligar e desligar como o nosso. Mas, como diz, isto não resultaria durante mais de cinco ou seis segundos.

— O tempo suficiente — murmurou Rachael — para salvar a sua vida. Assim, vê. — Ergueu-se e sentou-se na cama. — Se Roy Baty aparecer aqui, pode segurar isso na mão e carregar na haste dessa coisa. E, enquanto Roy Baty estiver congelado sem receber qualquer abastecimento de ar para o seu sangue e as células do seu cérebro se estiverem a deteriorar, pode matá-lo com o seu *laser*.

— Tem um tubo *laser* — disse ele. — Na sua mala.

— Uma falsificação. Os androides — ela bocejou, de olhos novamente fechados — não estão autorizados a transportar *lasers*.

Ele encaminhou-se para a cama.

Contorcendo-se, Rachael conseguiu rolar sobre o estômago, o rosto enterrado num lençol de baixo branco.

— Este é um tipo de cama limpa, nobre e virgem — afirmou. — Apenas raparigas limpas, nobres que... — Pensou. — As an-

droides não podem ter filhos — disse ela então. — Isso é uma perda?

Ele acabou de a despir. Expôs o seu ventre pálido e frio.

— É uma perda? — repetiu Rachael. — Não sei realmente; não tenho maneira de saber. Como é que é ter um filho? A propósito, como é que é nascer? Nós não nascemos; não crescemos; em vez de morrermos de doença ou velhice, desgastamo-nos como formigas. Outra vez as formigas; é isso que nós somos. Não me refiro a si; eu. Máquinas reflexas com quitina que não estão realmente vivas. — Virou a cabeça para um lado e disse em voz alta: — *Eu não estou viva!* Não é com uma mulher que vai para a cama. Não fique desapontado; está bem? Já alguma vez fez amor com uma androide?

— Não — disse ele, tirando a camisa e a gravata.

— Compreendo, eles dizem-me... que é conveniente não pensar muito no caso. Se pensar demasiado, se refletir no que está a fazer... então não consegue continuar. Por razões fisiológicas.

Curvando-se, ele beijou-lhe o ombro nu.

— Obrigada, Rick — disse ela tristemente. — No entanto, lembre-se: não pense no caso, faça-o apenas. Não se detenha, não seja filosófico, porque de um ponto de vista filosófico é horrível. Para nós os dois.

— Depois, continuo a tencionar procurar Roy Baty — disse ele. — Continuo a precisar de que esteja lá. Sei que aquele tubo *laser* que tem na sua mala é...

— Pensa que eu vou retirar um dos seus androides por si?

— Penso que, apesar do que disse, me vai ajudar em tudo o que puder. De outro modo, não estaria aqui deitada nesta cama.

— Amo-o — disse Rachael. — Se entrasse numa sala e encontrasse um sofá coberto com a sua pele obteria uma alta pontuação no teste Voigt-Kampff.

«Esta noite, algures», pensou ele enquanto apagava a luz da cama, «vou retirar um Nexus-6 que se parecerá exatamente com esta rapariga nua. Bom Deus», pensou ele; «acabei onde Phil Resch disse. Vá primeiro para a cama com ela», recordou. «Depois mate-a.»

— Não o posso fazer — disse ele, e afastou-se da cama.

— Gostaria que pudesse — disse Rachael. A voz dela tremia.

— Não é por sua causa. É por causa de Pris Stratton; por causa do que tenho de lhe fazer.

— Nós não somos o mesmo. Eu não me preocupo com Pris Stratton. Escute. — Rachael agitou-se na cama, sentando-se; na escuridão, ele podia perceber a sua forma quase sem peito, bem feita.

— *Venha para a cama comigo, e eu retirarei Pris Stratton.* Está bem? Porque eu não posso suportar estar assim tão próximo e depois...

— Obrigado — disse ele; gratidão, sem dúvida por causa do *Bourbon*, cresceu dentro dele, apertando-lhe a garganta. «Dois», pensou ele. «Agora tenho apenas de retirar dois; apenas os Batys. Rachael fá-lo-ia realmente? Evidentemente.» Os androides pensavam e funcionavam dessa maneira. No entanto, nunca se lhe deparrara nada como isto.

— Diabos, venha para a cama — disse Rachael.

Ele meteu-se na cama.